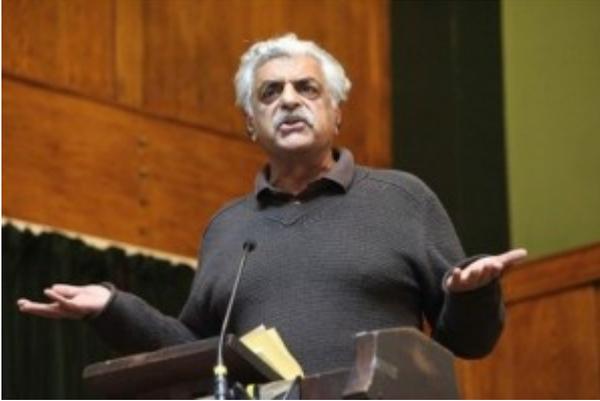


Tariq Ali: “A maioria do povo sírio quer que o clã Assad saia”

01/03/2012



Publicado originalmente no site Esquerda.net

Transcrição da entrevista de Tariq Ali à **Russia Today** em 15 de fevereiro.

O presidente Assad parece estar agarrado ao poder na Síria. Acha que existe alguma hipótese de que ele saia num futuro próximo?

Parece improvável que saia de vontade própria. Precisa ser empurrado. O povo sírio evidentemente está a fazer os possíveis, dentro do país. O que é mais perigoso são as pressões externas, especialmente em Istambul e da NATO para tentar organizar uma intervenção. Isso seria desastroso e conduziria a um enorme banho de sangue. Muito, muito pior do que aconteceu na Líbia.

A melhor forma seria a pressão externa de países que não são vistos como hostis à Síria, como a Rússia e a China, e outros. E é preciso que a pressão se mantenha internamente. É preciso dizer a Assad, em termos claros, que ele tem de ir embora, que o pai dele derramou muito sangue na Síria, ele está a fazer o mesmo, que esta família é inaceitável e que este país precisa de um governo nacional não sectário que prepare uma nova Constituição.

Os líderes árabes estão a defender o envio para a Síria de uma força de manutenção de paz da Liga Árabe e da ONU. O presidente Assad já rejeitou esta proposta. O que pensa da ideia?

Não penso que seja uma boa ideia o envio de qualquer chamada “força de manutenção de paz”. Primeiro, temos de ver o que é a Liga Árabe. A Liga Árabe é essencialmente uma organização moribunda que é trazida à vida quando o Ocidente precisa dela. Não teve qualquer papel ativo, nos últimos 25 anos, em qualquer sentido positivo na região. Não impediu a guerra no Iraque, apoiou a guerra na Líbia, e está provavelmente a ser usada como representante para tentar empurrar tropas estrangeiras para uma intervenção na Síria, à qual me oponho totalmente. Se há coisa que acho que a Síria não precisa é de exércitos estrangeiros. Vimos o que isso significou no Iraque, vimos o que aconteceu na Líbia.

Mas o envolvimento da Liga Árabe, que é uma espécie de grupo regional, não seria melhor que o envolvimento da ONU ou da NATO, que são organizações externas?

É bom ter observadores, desde que façam o seu trabalho corretamente. Mas tropas estrangeiras? Quem serão as tropas estrangeiras enviadas pela Liga árabe? Sauditas ou qataris? São esses os grandes exemplos de democracia na região? Ridículo, não faz qualquer sentido. Penso que é preciso manter a pressão externa

sobre Assad. Uma pressão externa não violenta que lhe diga que tem de se ir embora. Penso que chineses e russos estão agora em posição de força para fazer isto, dizendo: nós efetivamente evitámos uma intervenção na Síria, mas Assad tem de ir embora. E pôr de pé um governo nacional.

Os outros que evidentemente são capazes de pressionar Assad são os iranianos e o Hezbollah. Todas estas forças deveriam agora ver que é impossível a Síria continuar a ser governada por esta família, a clique sectária que governa. Quanto mais cedo saírem, melhor para a Síria.

Em termos de forças externas, a Liga Árabe decidiu suspender todas as relações económicas e políticas com o governo sírio. Acha que isso terá algum efeito prático?

Provavelmente não. Porque outros países não o vão fazer, os iranianos não vão fazer o mesmo e são um importante parceiro comercial, e o Líbano também não creio que se vá envolver a esse nível. Assim, não vai ter grande impacto. Acho que a única língua que entende o clã Assad e os militares em volta dele é uma postura muito firme da China e da Rússia. Creio que eles estão numa posição muito forte para conseguir uma mudança sem ações violentas.

Vê a Síria a ficar crescentemente isolada na região, e que efeito terá esse isolamento no Irão?

Acho que estão a ficar isolados. Acho que os iranianos são um estado independente, um dos poucos estados soberanos na região e que sabem cuidar de si próprios. Não creio que a queda de Assad afetasse o Irão, porque seria do interesse do governo sírio, se fosse democrático e representativo, manter boas relações com todos estes países.

Eu tenho de dizer que quando olhamos para o que o Ocidente fez em relação ao levante e à crise no Iémen, onde a matança continua, o que estão a fazer na Síria não se sustenta. O ex-presidente iemenita está a ter tratamento médico nos Estados Unidos. Esta duplicidade de critérios levanta muitas suspeitas sobre os motivos do Ocidente. E os principais países a pressionar por uma intervenção externa na Síria são a Arábia Saudita e o Qatar. Essencialmente, eles gostariam de ter uma versão síria da Irmandade Muçulmana que governasse o país. É esse o novo arranjo para a região árabe, e os Estados Unidos vão segui-lo, como fizeram no passado.

Diz que a China e a Rússia estão agora num posição negocial muito forte. Contudo, a visita do ministro Lavrov à Síria parece não ter tido quaisquer efeitos até agora.

Penso que se continuar assim, e o clã e a família Assad se recusarem a sair e a abandonar a sua mão de ferro sobre o país, tarde ou cedo alguma coisa desastrosa vai acontecer. Possivelmente incluirá alguma forma de intervenção externa. E como vai isso acabar? Não creio que queiram acabar como Khadafi ou Saddam Hussein, linchados pela multidão ou por tropas estrangeiras. Esse é o futuro que têm pela frente, não há outro.

Vamos falar da complexidade de forças presentes na Síria neste momento. Tivemos relatos de que há forças britânicas e do Qatar a operar clandestinamente na Síria. Pensa que possa ser verdade?

É perfeitamente possível. As forças britânicas e do Qatar atuaram clandestinamente na Líbia, muito antes de isso se ter tornado público, agora sabemos. Isto é o que eles fazem, intervir nestes conflitos para desviarmos na direção que pretendem. Não tenho provas disso, mas não me surpreenderia nada que o estivessem a fazer.

E quanto aos iranianos? Houve relatos, que foram desmentidos, de que haveria 15 mil soldados iranianos a caminho da Síria.

Isso não sei. Creio que diante das pressões que o Irão está a sofrer, de momento, do Ocidente, com a União Europeia a impor sanções, os americanos a fazer ameaças e os israelitas a querer bombardear, seria muito estranho que estivessem a enviar tropas para fora do país. Mas não temos provas, nem das tropas britânicas e

qataris, nem das iranianas. Se eu digo que uma é possível, a outra também pode ser possível, ambas seriam loucura.

Vimos a violência a espalhar-se de Homs para uma segunda cidade, Aleppo, e os Estados Unidos dizem que a Al Qaida está envolvida nisso. Se a Síria está substancialmente infiltrada por terroristas, que pensa que vai acontecer? Dará ao Ocidente um pretexto para promover algum tipo de operação militar no país? Ou, pelo outro lado, deixarão os terroristas fazer o trabalho sujo de derrubar o presidente Assad?

Podem fazer isso, a Al Qaida é atualmente muito fraca, é usada essencialmente para assustar as crianças em casa. Tem muito pouca força militar. O seu líder, Zawahiri, tornou pública uma declaração dizendo que ele é parte da luta para derrubar Assad. Mas têm muito pouca força e não creio que devamos levar a muito sério a conversa da Al Qaida ou exagerar a ameaça que ela representa. O facto é que a esmagadora maioria do povo sírio quer que a família Assad saia. Essa é a questão-chave que devemos compreender e que ele tem de compreender.

Muitos comentadores, referindo-se à Primavera Árabe em geral, têm dito que a violência e a incerteza dos resultados vão permitir que a Irmandade Muçulmana apareça como a única organização que tem capacidade de tirar vantagem dela. Teme que isso aconteça na Síria?

Bem, eu não os apoio politicamente, não creio que seja do interesse da Síria ter um governo islamista, moderado ou extremista. Parece que o padrão agora é dizer que o modelo turco, o do governo turco, é o melhor modelo para o mundo árabe. Discordo fortemente disto. Aliás, nem creio que seja um bom modelo para a Turquia. Mas o facto é que se for o único poder no país e houver eleições, vai chegar ao poder, como aconteceu na Tunísia e no Egito. Temos de lidar com isso. Vejo estes grupos como partidos muçulmanos semelhantes à democracia cristã, organizações conservadoras socialmente, mas perfeitamente satisfeitas por seguir as tendências económicas que dominam o Ocidente e por manter relações com os Estados Unidos. Fizeram-no antes – os turcos são um forte membro da NATO – e estes países provavelmente seguirão o mesmo caminho.

Agora se isto é o que realmente quer o povo árabe, isso é uma questão muito diferente.

Isso faz parecer a Irmandade Muçulmana uma alternativa benigna. Acha que as minorias cristãs e outras têm algo a temer deles?

Há sempre no interior dos partidos islâmicos moderados uma corrente que acha que não podendo oferecer ao povo o que ele realmente quer, que é um padrão de vida decente, uma rede de segurança social, desviam as atenções atacando minorias. A Irmandade Muçulmana já o fez em relação aos coptas no Egito e não é impossível que, se aparecerem na Síria, venham a fazer o mesmo. Isso não é de forma alguma uma coisa boa, mas temos de esperar e ver. Se for o que realmente a maioria do povo quer, então vai acabar por acontecer.

Transcrição e tradução de Luis Leiria para o Esquerda.net

Compartilhe nas redes: